

Curso de Especialização em Saúde da Família – Modalidade a Distância

MÓDULO 3 - EPIDEMIOLOGIA

PREVALÊNCIA E INCIDÊNCIA

MEDIDAS DE FREQUÊNCIA

Prevalência e Incidência

Ao contrário da incidência, que se refere à frequência com que surgem novos casos de uma doença, para se medir a prevalência os indivíduos são observados uma única vez.

Existem dois tipos de medidas de prevalência:



Prevalência pontual ou instantânea

Frequência de casos existentes em um dado instante no tempo (ex.: em determinado dia, como primeiro dia ou último dia do ano).



Prevalência de período

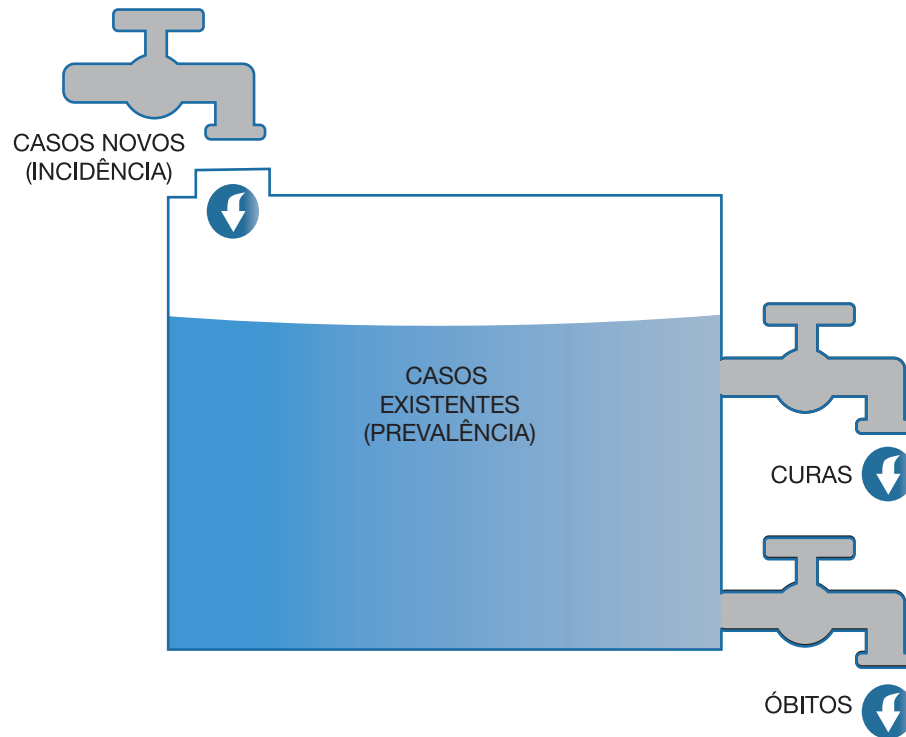
Frequência de casos existentes em um período de tempo (ex.: durante um ano).



Prevalência na vida

Frequência de pessoas que apresentaram pelo menos um episódio da doença ao longo da vida.

Entre os fatores que influenciam a prevalência de um agravo à saúde, excluída a migração, estão a incidência, as curas e os óbitos, conforme a figura abaixo. Veja como se apresentam os fatores que influenciam a prevalência de um agravo à saúde, excluída a migração.



Como você pode ver, a prevalência é alimentada pela incidência. Por outro lado, dependendo do agravo à saúde, as pessoas podem se curar ou morrer. Quanto maior e mais rápida a cura, ou quanto maior e mais rápida a mortalidade, mais se diminui a prevalência, que é uma medida estática, mas resulta da dinâmica entre adoecimentos, curas e óbitos.

Fatores que aumentam a prevalência:

- A maior frequência com que surgem novos casos (incidência); e
- melhoria no tratamento, prolongando-se o tempo de sobrevivência porém sem levar à cura (aumento da duração da doença).

Fatores para a diminuição da prevalência:

- Redução no número de casos novos
- Redução no tempo de duração dos casos



Redução no número de casos novos

redução no número de casos novos, atingida através da prevenção primária (conjunto de ações que visam evitar a instalação das doenças na população através de medidas de promoção da saúde e proteção específica e que atuam sobre os fatores de risco);



Redução no tempo de duração dos casos

redução no tempo de duração dos casos, atingida através da prevenção secundária (conjunto de ações que visam identificar e corrigir o mais precocemente possível qualquer desvio da normalidade, seja por diagnóstico precoce ou tratamento adequado). O tempo de duração dos casos também pode ocorrer em razão do óbito mais precoce pela doença em questão, ou seja, menor tempo de sobrevivência.

Veja a seguir os principais usos das medidas de prevalência e da incidência

Prevalência: é utilizada para o planejamento de ações e serviços de saúde, previsão de recursos humanos, diagnósticos e terapêuticos. Assim, o conhecimento sobre a prevalência de hipertensão arterial entre os adultos de determinada área de abrangência pode orientar o número necessário de consultas de acompanhamento, reuniões de grupos de promoção da saúde e provisão de medicamentos para hipertensão na farmácia da Unidade de Saúde.

Incidência: é mais utilizada em investigações etiológicas para elucidar relações de causa e efeito, avaliar o impacto de uma política, ação ou serviço de saúde, além de estudos de prognóstico. Um exemplo, é verificar se o número de casos novos (incidência) de hipertensão arterial sistêmica declinou depois da implementação de determinadas medidas de promoção da saúde, como dieta, atividade física, redução de peso e combate ao tabagismo no bairro.

As medidas de frequência podem ser expressas como **frequências absolutas ou relativas**, vamos conhecer melhor sua aplicabilidade.

Frequências absolutas e frequências relativas:



As frequências absolutas são pouco utilizadas em Epidemiologia, pois não permitem medir o risco de uma população. Elas refletem apenas o número de casos de determinada doença. Por exemplo, em determinado bairro de uma cidade existem 2.000 adultos hipertensos. Essa é uma medida absoluta.

As frequências relativas são mais utilizadas quando se deseja comparar a ocorrência de doenças em populações diferentes ou na mesma população ao longo do tempo. Nesse caso, sabendo que a população do bairro acima descrito é de 10.000 habitantes, dividimos o número de casos pela população, obtendo-se uma frequência relativa.



Reforçando, em via de regra utilizamos as medidas relativas, no entanto há momentos em que devemos optar pelas medidas absolutas. Isso acontece quando o número de eventos considerados no cálculo é muito pequeno. Em tais momentos, variações ao acaso (um ou dois casos a mais ou a menos, por exemplo) impactam severamente no achado e dificultam comparações entre regiões ou ao longo do tempo. Nesses momentos, podem-se calcular medidas relativas a partir da média de vários períodos para estabilizar pequenos números ou analisar dados agregados de várias áreas. Além disso, para curtos períodos e com a base populacional estável, podemos usar mesmo os números absolutos para análise da morbi-mortalidade (DRUMOND JUNIOR, 2007).